

**SUGESTÕES PARA O APERFEIÇOAMENTO
DO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

2017

SUGESTÕES PARA O APERFEIÇOAMENTO DO
ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

COORDENAÇÃO
ANA SALGADO

COMISSÃO CIENTÍFICA
INSTITUTO DE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

EDITOR
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

ISBN
978-972-623-312-1

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa
Rua da Academia das Ciências, 19
1249-122 LISBOA
Telefone: 213219730
geral@acad-ciencias.pt
www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2017
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor.



Tendo em consideração que:

1.º «A Academia é o órgão consultivo do Governo português em matéria linguística.» (quinta alteração aos Estatutos da Academia das Ciências de Lisboa, aprovados pelo Decreto-Lei n.º 5/78, de 12/01, art. 5.º) e tem o dever de «propor ao Governo ou a quaisquer instituições científicas e serviços culturais as medidas que considerar convenientes para assegurar e promover a unidade e expansão do idioma português» (quinta alteração aos Estatutos da Academia das Ciências de Lisboa, aprovados pelo Decreto-Lei n.º 5/78, de 12/01, art. 6.º).

2.º A elaboração e publicação do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* é uma competência da Academia das Ciências de Lisboa, que decorre do seu compromisso estatutário.

3.º A Academia, por intermédio do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa (ILLLP), está empenhada na elaboração de um novo *Dicionário*, na revisão do *Vocabulário Ortográfico* digital, e na edição de *Glossários* especializados, o que torna premente a fixação ortográfica das nomenclaturas.

4.º O texto legal do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990 (AO90) é, por vezes, ambíguo, omissivo e lacunar, não estabelecendo uma ortografia única e inequívoca, deixando várias possibilidades de interpretação em muitos casos, o que tem provocado alguma instabilidade ortográfica.



5.º As instituições, e concretamente as equipas responsáveis pelos vocabulários oficiais, têm vindo a tomar decisões que não são convergentes e, por vezes, até contrárias ao espírito do AO90, no que respeita às opções gráficas de registo de unidades vocabulares.

6.º Apesar de o *Vocabulário Ortográfico Comum* (VOC), sob a coordenação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), se encontrar disponível em linha (<http://voc.eplp.org/>), até ao momento não há conhecimento dos critérios seguidos pelas equipas responsáveis, nem um histórico das alterações que hajam eventualmente ocorrido, e não existe uma publicação em suporte físico. Além do mais, o VOC apresenta versões específicas para cada país, o que contraria o espírito e o propósito de unificação ortográfica do texto legal. De facto, o Preâmbulo do AO90 previa a elaboração taxativa de um vocabulário, não de vários, que reunisse as grafias comuns.

7.º Qualquer tentativa de uniformização ortográfica entre os diversos países que usam a língua portuguesa como língua oficial será sempre tema de debate por não haver uniformidade de critérios no ajustamento a pronúncias locais; e, assim, e na definição de novas disposições, a tradição lexicográfica de longa existência terá de ser considerada em cada variedade gráfica, com alguns pontos reequacionados.



Introdução

O presente estudo tem como base ortográfica fundamental o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), e como base acessória as *Bases Analíticas do Acordo Ortográfico de 1945*.

A Comissão do ILLLP reconhece a necessidade de aperfeiçoar as disposições das reformas ortográficas anteriores, obras da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras, no sentido de uma maior regularização da escrita portuguesa. Para atingir esse fim, avança-se com a apresentação de um primeiro trabalho, resultado de um estudo minucioso e crítico de listas de grafias que sofrem alteração com a aplicação da chamada ‘nova ortografia’.

Conscientes de que o presente estudo poderá ser alvo de crítica, por contrariar, em certos pontos, a aplicação discricionária do AO90 que tem sido feita e por propor melhoramentos, sobretudo no que diz respeito à recolha de novas colheitas vocabulares, confiamos, ainda assim, que, desta forma, a Academia possa dar um forte contributo, imputado pelo seu dever estatutário, e avance com a sistematização de critérios e orientações, em prol de uma maior regularização e, por consequência, na defesa de um registo adequado à variante portuguesa.

A escrita é uma convenção, que tem por objetivo a representação da linguagem falada, e está, por isso, sujeita a mudanças. Encaramos, por isso, com naturalidade algumas alterações.

Esta declaração não é um tratado de ortografia. Apresenta, antes, sugestões de aperfeiçoamento e esclarecimento de alguns pontos do texto de 1990, para pôr fim ao ‘desacordo’ e ao amálgama de realizações em curso que deixam pairar suspeitas de ‘anarquia’. Trata-se de um contributo que resulta de aturada reflexão em torno da aplicação da nova ortografia e sobre algumas



particularidades e subtilezas da língua portuguesa que não podem ser ignoradas em resultado de um excesso de simplificação.

Convém esclarecer o que se entende por “aperfeiçoamento”: aperfeiçoar o Acordo Ortográfico não significa rejeitar a nova ortografia, mas antes aprimorar as novas regras ortográficas e retocar determinados pontos para fixar a nomenclatura do *Vocabulário* e do *Dicionário* da Academia.



Anotações preliminares

Tratando-se de um trabalho da Academia das Ciências, o presente texto resulta de um estudo atento, com base na análise de um *corpus* constituído para o efeito.

- ✓ Numa primeira fase, procedemos à recolha exaustiva de dados das nomenclaturas do *Dicionário* e do *Vocabulário* da Academia. Posteriormente, para a constituição de um *corpus* mais rico e representativo do léxico da língua portuguesa, recolhemos as grafias atestadas no *Vocabulário* da Academia Brasileira de Letras (5.^a edição) e sua verificação em linha. Por último, acrescentámos a totalidade de unidades com as sequências consonânticas interiores registadas no *Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa* (VOC). Ainda durante a fase inicial, levámos a cabo uma leitura integral de toda a bibliografia em torno da nova ortografia e da problemática encontrada.

- ✓ Numa segunda fase, fez-se um estudo aprofundado do texto do AO90, assinalando, desde logo, os casos problemáticos e merecedores de reflexão. Procedeu-se, de seguida, a uma análise comparada das formas como o AO90 tem sido aplicado nos vários vocabulários publicados. Sabe-se que foi a partir da publicação de algumas obras lexicográficas, em 2009, que as consoantes não articuladas foram sistematicamente suprimidas em Portugal.

Após análise dos dados, concluiu-se que não se verificava a presunção (não é ciência desde Newton) de que a tal “generalizada supressão das consoantes não articuladas das sequências internas” conduzisse a uma melhor ortografia (orto-, correto). Além disso, verificou-se que surgiram muitas ambiguidades e incoerências que não existiam, assim como surgiram muitas palavras novas na língua, paradoxalmente baseadas num Acordo que pretendia alguma unificação.



No caso dos acentos verificou-se que a regra de suprimir, sempre que possível, os acentos nas paroxítonas também conduz a ambiguidades que não havia.

No caso dos hífenes, a lista exaustiva revela que os vocabulários recomendados para aplicação do AO90 interpretavam discricionariamente o texto do próprio AO90, pois este propiciava a confusão entre compostos e locuções, diferença bem salientada na Norma de 1945, e tirando desse modo virtualidades à língua.

- ✓ A expectativa de aperfeiçoamento na aplicação do AO90, assim como o interesse da opinião pública à volta deste assunto, são indícios claros da manifesta utilidade do nosso trabalho.



Sugestões para o aperfeiçoamento do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

(Para uma fixação da nomenclatura do
Vocabulário e do *Dicionário* da Academia)

1. Sobre a acentuação gráfica

Recebem acento agudo os vocábulos que estão em homografia com outros:

- *pára*, forma do verbo *parar*; cf. *para*, preposição;
- *péla(s)*, nome e forma do verbo *pelar*; cf. *pela(s)*, combinação da preposição *per* e *la*;
- *pélo*, nome e forma do verbo *pelar*; cf. *pelo*, combinação da preposição *per* e *lo*;

Observações: Quando um possível homógrafo é considerado arcaico ou de uso pouca frequente, prescinde-se do acento gráfico distintivo, como é o caso de: *polo(s)*, nome; cf. *polo*, combinação arcaica da preposição *por* e *lo*; *pera* ('pedra'), nome arcaico; cf. *pera*, preposição arcaica.

*

Recebem acento circunflexo os seguintes vocábulos que estão em homografia com outros:

- *pêlo(s)*, nome; cf. *pelo(s)*, combinação da preposição *per* e *lo*.
- *pôr*, verbo; cf. *por*, preposição.

Observações: Prescinde-se do acento gráfico distintivo em: *coa(s)*, nome e flexão do verbo *coar*, e *Coa*, hidrónimo; cf. *coa*, combinação da preposição *com* e *a*; *pera* ('fruto'), nome; cf. *pera*, preposição arcaica; *pero* ('fruto'), nome; cf. *pero*, conjunção arcaica; *pola* ('rebento'), nome; cf. *pola*, combinação arcaica da preposição *por* e *la*; *polo* ('extremidade; céu; jogo'); cf. *polo* ('falcão; açor'), nome, e *polo*, combinação arcaica da preposição *por* e *lo*.

*



Emprega-se acento nas flexões em que a vogal tónica fechada é homógrafa de outra flexão da mesma palavra, como em: *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) para se distinguir de *pode* (presente do indicativo); *dêmos* (presente do conjuntivo) para se distinguir de *demos* (pretérito perfeito do indicativo).

*

Emprega-se acento circunflexo nas 3.^{as} pessoas do plural do presente do indicativo *crêem*, *lêem*, *vêem*, ou do conjuntivo *dêem*, dos verbos *crer*, *ler*, *ver*, *dar* e seu derivados, *relêem*, *desdêem*.

Observação: As formas da 3.^a pessoa do plural dos verbos *ter*, *manter*, *reter*, etc., também conservam o acento, como em *têm*, *mantêm*, *retêm*.

*

Acentua-se graficamente a terminação *-ámos* do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação para distinguir da terminação *-amos* do presente do indicativo dos mesmos verbos.

*

A supressão do acento gráfico nos ditongos abertos quando constituem sílaba tónica de palavras paroxítonas retiraria o acento tónico nessas palavras terminadas em *-r*, pois se estas palavras perdessem o acento passariam a agudas, pelo que a manutenção do acento é necessária. Desta forma, desobedece-se à prescrição, do AO90, de não se acentuar os ditongos *ei* e *oi* nas paroxítonas, mas obedece-se à regra de se acentuar quando terminam em *-r*, como em *blêizer*, *destróier*, *gêiser*, *lêiser*.

*

O AO90 aceita a dupla acentuação em palavras proparoxítonas com *e* e *o* tónicos seguidos das consoantes nasais *m* ou *n*, como em *oxigénio/oxigênio* e *tónico/tônico*; e em algumas paroxítonas, como em *fémur/fêmur* e *ónix/ônix*, e oxítonas, como *puré/purê* e *ró/rô*. Em Portugal escrevem-se com acento agudo, porque o seu timbre é aberto, mas no Brasil escrevem-se com acento circunflexo, porque o timbre é fechado. Excetua-se alguns casos em que o timbre da vogal também é fechado na norma europeia, como em *estômago* e *fêmea*.

*

O acento circunflexo é eliminado no encontro *ôo*, mas é mantido no caso de palavras graves com acento em *ô*. A par de grafias que deixaram de ser acentuadas na variedade brasileira, como *enjoo* e *voo*, estão as palavras também graves *côvão* e *aljôfar*, que passariam a ser palavras oxítonas sem o acento gráfico.



2. Sobre as sequências consonânticas

Respeitando sempre o texto da Base IV e 4.1 da Nota Explicativa do AO90

O primeiro *c* (com valor de oclusiva velar [k]), das sequências interiores *cc*, *cç* (segundo *c* com valor de sibilante [s]) e *ct*, e o *p* das sequências interiores *pc*, *pç* (*c* com valor de sibilante [s]) e *pt*, ora se conservam, ora se eliminam.

Assim:

- a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos e a grafia com a consoante é única em todos os países de língua oficial portuguesa: *adepto*, *compacto*, *convicção*, *convicto*, *dicção*, *ficção*, *pacto*, *pictural*, *adepto*, *apto*, *díptico*, *erupção*, *eucalipto*, *inepto*, *núpcias*, *rapto*;
- b) Conservam-se nos casos em que geram homofonias geradoras de ambiguidade. É o caso em que se encontram os pares: *aceção* (sentido) *vs.* *acessão* (consentimento); *corrector* (quem corrige) *vs.* *corretor* (intermediário); *espectador* (aquele que olha) *vs.* *espetador* (o que espeta); *óptica* (visão) *vs.* *ótica* (audição); *recepção* (recebimento) *vs.* *recessão* (retrocesso);
- c) Conservam-se nos casos em que a sua eliminação origina grafias que não existiam na língua: *abjeccionismo* (**abjecionismo*), *anticeptismo* (**antictismo*), *conceptível* (**concetível*), *interruptor* (**interrutor*);
- d) Conservam-se ou eliminam-se nos casos em que se verifica oscilação de pronúncia na variedade portuguesa da língua, recomendando-se preferencialmente, nestes casos, a manutenção da grafia com a consoante, para evitar arbitrariedades: *característica* ou *caraterística*;
Nota: Nos casos em que a oscilação se verifica noutras variedades da língua, e em que em muitos casos a consoante tem sido eliminada, a consoante deve ser conservada: *facto* (Portugal) ou *fato* (Brasil).



- e) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudas em todos os países de língua oficial portuguesa. A grafia passa a ser única em todos os países de língua oficial portuguesa: *acionar, atual, batizar, coleção, exato, inspetor, projeto*.
- f) Conservam-se sempre que a consoante tem valor significativo, etimológico e diacrítico: *conectar, decepcionado, interceptar*.

3. Sobre o emprego do hífen

Por motivos de clareza gráfica, o que permitirá evitar possíveis riscos de ambiguidade, o emprego do hífen é recomendado nos compostos com elementos de ligação quando os seus elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, ou seja, o sentido da unidade não se deduz a partir dos elementos que a formam.

Observação 1.^a Como as locuções não formam uma unidade de sentido conotativo, os seus elementos não devem ser unidos por hífen, seja qual for a categoria gramatical a que pertençam. Assim, escreve-se, por exemplo, *base de dados* (locução nominal), *cor de açafião* (locução adjetiva), *à parte, à vontade* (locução adverbial), *a fim de, apesar de* (locução prepositiva), *cada um, ele próprio* (locução pronominal), *ao passo que, contanto que* (locução conjuncional), uma vez que essas combinações vocabulares não são verdadeiros compostos. Quando, porém, as locuções se tornam unidades fonéticas, devem ser escritas numa só palavra: *acerca, afinal, apesar, debaixo, decerto, defronte, deveras*, etc. Só, por conseguinte, as combinações vocabulares que formem verdadeiras unidades semânticas e sejam, *ipso facto*, verdadeiros compostos é que exigem, em rigor, o emprego do hífen, como *água-de-colónia, braço-de-ferro, entra-e-sai, pé-de-meia*.

Observação 2.^a Se numa locução existir um elemento que já tenha hífen, este será conservado: *a trouxe-mouxe*.

Observação 3.^a Os nomes próprios que entram na formação de locuções são grafados com maiúscula inicial, como em *cabeça do Império, olho da Providência*; no caso de serem compostos com hífen, passam a minúscula: *folha-de-flandres, maçã-de-adão*.



Observação 4.^a As expressões com valor nominal, isto é, formas em que a soma dos elementos forma um sentido único, como *faz-de-conta* e *maria-vai-com-as-outras*, devem ser grafadas com hífen.

Observação 5.^a No interior de certos compostos, para assinalar a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com os nomes, emprega-se o apóstrofo: *borda-d'água*, *cão-d'água*, *copo-d'água*, *estrela-d'alva*, *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *marca-d'água*, *pau-d'água*, *pau-d'alho*, *pau-d'arco*, *pau-d'óleo*, etc.

Observação 6.^a As expressões latinas nunca são hifenizadas: *ab initio*, *ab ovo*, *carpe diem*, *habeas corpus*, *in octavo*.

*

Emprega-se o hífen nas palavras com formas reduzidas, como *afro-*, *euro-*, *luso-* e outras análogas, que referem mais de uma configuração geográfica: *afro-brasileiro*, *euro-asiático*, *sino-japonês*. Estes compostos transmitem sempre o hífen aos seus derivados.

Não se emprega o hífen quando estes elementos são elementos de composição, como em *francófono*, *lusófono*, ou quando há uma relação de subordinação entre os elementos, como em *eurodeputado*, *lusodescendente*, *sinologia*.

*

Os vocábulos *mandachuva*, *paraquedas* e *paraquedista* passaram a escrever-se aglutinadamente por se ter perdido a noção de composição. Os restantes compostos com a forma verbal *manda-* e *pára-* continuam a ser separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *pára-choques*, *pára-brisas*, *pára-raios*.

*

No que diz respeito a palavras formadas por *ântero*, *êxtero*, *ínfero*, *íntero*, *póstero* e *súpero*, recomendam-se as formas com hífen e acento gráfico. Embora esses elementos prefixais sejam próclises de adjetivos, não perdem a sua individualidade morfológica, e, por isso, devem unir-se por hífen.

*

Emprega-se o hífen nos vocábulos onomatopaicos formados por elementos repetidos, como em *au-au*, *bau-bau*, *lenga-lenga*, *tique-taque*, *truz-truz*, *zás-trás*.

*

Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado, como em *bendito*, *benfazejo*, *benfeitor*, *benquerença*.



*

Não se emprega o hífen nas formações com os prefixos *pre-* e *re-*, mesmo nos encontros de vogais iguais ou quando o segundo elemento é iniciado por *h*, como em *preencher* (*pre-+encher*), *rescrita* (*re-+escrita*), *reabilitar* (*re-+habilitar*).

*

Emprega-se o hífen em palavras formadas com os prefixos *ab-*, *ad-*, *ob-*, *sob-* e *sub-* quando o segundo elemento começa por um *r*, para manter o valor fonético deste, ou seja, como vibrante velar [R], e não como vibrante alveolar [r], como em *abraço*. Exemplos: *ab-rogar*, *ad-renal*, *ob-reptício*, *sob-roda*, *sub-raça*.

*

Emprega-se o hífen nas formações com o prefixo *sub-*, quando combinado com elemento iniciado por *b*, como em *sub-bibliotecário*.

*

Emprega-se o hífen nas formações em que o segundo elemento é um estrangeirismo, um nome próprio, uma sigla ou um acrónimo, como em *anti-doping*, *anti-URSS*.

*

Para evitar indecisão interpretativa e manter identificação de forma, recomenda-se o emprego do hífen: *co-réu* (**corréu*), *co-utente* (**coutente*).

*

Emprega-se o hífen nas palavras formadas pelo prefixo *pan-* e em que o segundo elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n* (cf. Base XVI, 1.º, c)), como em *pan-africano*, *pan-helénico*, *pan-mágico*, *pan-negritude*. De contrário, aglutina-se ao elemento imediato: *pangermanismo*, *panléxico*, *pansofia*, etc. Estão previstas ainda as seguintes alterações ortográficas do prefixo *pan-*: passa a *pam-* diante de *b* ou *p*, como em *pambalcânico*, *pambrasileiro*, *pamplégia*, *pampsiquismo*, uma vez que a aglutinação ortográfica implica uma leitura indesejada ou violação das restrições contextuais (**np*) da ortografia do português; reduz-se a *pa-* quando o elemento seguinte, sem vida à parte, começa por *m* ou *n* (etimologicamente, *nm* > *mm* > *m* e *nn* > *n*), como em *pamastite*, *paniquismo*).

*

Nos elementos de natureza substantiva, provenientes do grego ou latim, em que não se empregava hífen e que, com a aplicação das novas regras ortográficas, passam a ser hifenizados quando há encontros de vogais iguais, recomenda-se o uso



preferencial das grafias com elisão da vogal do radical que coincide com a do elemento imediato, como em *radiopaco*. Não se admitem, porém, as formas com acento no primeiro elemento.

*

Emprega-se hífen em palavras formadas pelos elementos *não-* e *quase-*, por se considerar que os elementos possuem uma função prefixal quando se unem a bases substantivas, adjetivas ou verbais.